

REVISTA MARACANAN

Nota de Pesquisa

O jogo movediço da liberdade: notas sobre estratégias de afirmação e resistência negra no campo educacional

Strategy notes of affirmation and black resistance in the educational field

Stephane Ramos da Costa*

Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Recebido em: 25 jan. 2021.

Aprovado em: 06 maio 2021.



* Doutoranda em História pela Universidade de Brasília (PPGHIS - UnB). Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (stephane.rcosta@gmail.com)

Resumo

O presente texto caracteriza-se como uma investigação parcial que tem por objetivo central acessar alguns dos projetos de instrução e o perfil comportamental de sujeitos negros e negras sob um recorte temporal de meados do século XIX e os primórdios do século XX. O debate sobre os projetos de letramento e identidade do Rio de Janeiro parte do cotidiano da marginalidade da cidade carioca, visto que esta tem muito a nos ensinar sobre as redes de sociabilidade e as estratégias de inserção/mobilidade social. A centralidade deste artigo versa sobre as dinâmicas de construção de espaços educativos e sobre a análise de padrões comportamentais dos sujeitos pesquisados.

Palavras-chave: Educação. Letramento. Pós-abolição. Associativismo Negro. Classe Média Negra Metafórica.

Abstract

The text is characterized as a partial investigation of some educational projects and the behavioral profile of individuals and entities of black social movements, in a time frame that goes between the 19th and 20th centuries. The debate on literacy and identity projects in Rio de Janeiro starts from the daily life of the marginality of the city of Rio de Janeiro, as it has a lot to teach about sociability networks and insertion/social mobility strategies. The centrality of this article is about the dynamics of construction of educational spaces and the analysis of behavioral patterns of the researched subjects.

Keywords: Education. Literacy. Post-abolition. Black Associativism. Black Metaphorical Middle Class.

Os negros que já estudam em colégios ou faculdades precisam adquirir a consciência da necessidade de um trabalho de esclarecimento do negro mais ignorante. E que lutem também pela união da gente de cor em torno das organizações que trabalham pela sua valorização racial através da educação, da cultura ou da arte. Porque somente assim não estará longe o dia em que todos os negros do Brasil sejam admirados pela sua natural lucidez e instrução adquirida.¹

Introdução

A historiografia que se debruça sobre as dinâmicas dos movimentos sociais negros no período escravista e pós-abolição ganha contribuições de forma exponencial a cada ano que passa. Atualmente já podemos visualizar uma gama de estudos que pensam as experiências negras a partir de seu protagonismo em relação aos processos históricos aos quais fizeram parte. De toda forma, o caminho ainda é longo, muitos são os silêncios nas pesquisas e nas fontes que as subsidiam para um debate acerca das estratégias de afirmação e resistência desses sujeitos.

Nas interfaces do ativismo afrodiaspórico, vemos a importância do letramento e da criação de espaços voltados para a questão do lazer familiar. Os métodos acionados por essas populações em busca de liberdade são heterogêneos e, se no próprio território da cidade do Rio de Janeiro já é possível visualizarmos nítidas diferenças, imaginemos então em todo o Brasil.

Este texto tem por objetivo central fazer o exercício investigativo ao acessar alguns dos projetos de instrução e o perfil comportamental de sujeitos negros e negras sob um recorte temporal que entre meados do século XIX e os primórdios do século XX. Por instrução entendemos um conjunto amplo de modalidades de ensino, sejam eles por meio da escolarização formal, informal, formação política e identitária por meio de movimentos sociais negros e tantos outros que objetivassem o acesso à cidadania. Essas ações foram gestadas por ativistas que se organizavam a partir do associativismo negro² dos mais diversos âmbitos. É possível estudar as

¹ Haroldo Costa no artigo "Queremos estudar" para o jornal Quilombo. Ano I, n.1, dez/1948.

² Mobilizamos aqui os trabalhos de DOMINGUES, Petrônio (2008,2018) para nos debruçarmos sobre as formas organizacionais de indivíduos de cor para sanar suas demandas sociais, econômicas, raciais, etc.

relações raciais no Brasil por meio da educação.³ Veremos também que o cotidiano da marginalidade servia de palco para os embates e disputas de narrativas identitárias para a comunidade negra. Por mais extenso que seja o período aqui proposto, veremos que há certos padrões que permaneceram durante esses anos e que nos ajudam a compreender determinadas expectativas e valores de um setor específico da população negra carioca. Essas práticas e costumes perscrutados no presente material tem muito a dizer sobre a história social do Brasil do pós-emancipação. Entre os personagens e cenários aqui presentes, apresentaremos algumas notas sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, a Caixa Libertadora José do Patrocínio, o patrício negro José Cláudio do Nascimento, Renascença Clube e outros que também protagonizaram lutas a favor de uma sociedade mais igualitária.⁴ Muitas destas pessoas transitavam entre espaços com realidades díspares e isso só demonstra a complexidade dos perfis e ações aqui mobilizadas.

O que se percebe de imediato é que os personagens mobilizados compartilhavam a ideia de que a liberdade encontra-se em um terreno movediço e dominado pela incerteza em relação ao êxito de seus projetos políticos. Suas ações enfrentavam obstáculos e o caminho tortuoso. Fazendo coro às palavras de Gomes e da Cunha,⁵ trata-se de um "território pantanoso". Todavia, isso não foi o suficiente para conter os avanços construídos através de movimentos sociais negros que agiam por diferentes frentes de embate e posicionamentos políticos.

Interfaces da questão educacional no Rio de Janeiro

Entre os pilares dos movimentos sociais negros que reivindicavam uma maior inclusão social estava a questão educacional. O ativismo que seguia diferentes segmentos políticos, classes e gêneros se organizou de forma a priorizar o acesso à educação como estratégia de melhores condições de cidadania e direitos básicos. Assim como foi mencionado anteriormente, nossos estudos na contemporaneidade contam com importantes contribuições de pesquisadores que nos servem de embasamento.⁶ As notas descritas neste material se atêm ao recorte histórico que se inicia no ano de 1853, com a experiência escolar do professor Pretextato Passos e Silva.

³ Tal enfoque foi adotado por D'ÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. O autor apresenta argumentos consistentes para a compreensão de padrões históricos de desigualdades raciais no Brasil por meio de uma análise sobre a educação pública no país.

⁴ Trata-se da continuidade de um estudo iniciado no terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada "Patrícios negros: experiências de educação popular no Rio de Janeiro (1939-1956)".

⁵ GOMES, Flávio; DA CUNHA, Olívia. Introdução - Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁶ Trabalhos como Fonseca (2009), Ferreira (2020), Silva (2017) dentre tantos outros já demonstraram a centralidade da instrução nos movimentos sociais negros dos mais diversos âmbitos.

O personagem já foi mobilizado em trabalhos⁷ que refletiram sobre as expectativas que o levou a construir uma escola exclusiva para meninos pretos e pardos na Corte Imperial. Pretextato se auto identificava como preto e nos primeiros anos de seu projeto educacional localizado na Rua da Alfândega os entraves pela não continuidade se fizeram presentes. Todavia, se por um lado as instituições imperiais trabalhavam avidamente para dificultar o acesso de sujeitos de cor a iniciativas como esta, em contrapartida o professor contou com o auxílio das famílias de seus alunos e acionou suas redes de sociabilidade para a redação de um abaixo assinado - que contou com nomes dos pais dos alunos, conhecidos e até inspetores do quarteirão onde o mesmo residia. A escola conseguiu se manter viva até o ano de 1873.

Dois anos após o fechamento da escola de Pretextato, chegava ao Rio de Janeiro um maranhense que também participou da frente em favor da educação para a população negra. O professor Hemetério dos Santos atuou como professor de Língua Portuguesa de escolas como o Colégio Militar e Colégio Pedro II, e em todos os espaços aos quais se inseriu, Hemetério destoou dos setores médios e altos aos quais fazia parte.⁸ Importante salientar que o movimento não se restringiu a figuras exclusivamente masculinas, visto que podemos aqui mencionar um exemplo que advém da própria família do professor Hemetério. Coema dos Santos foi a primeira dos seis filhos do educador e é um exemplo de intelectual que também esteve à frente da luta a favor da instrução dos afro-brasileiros. A professora compunha o cenário intelectual no imediato pós emancipação e também, assim como seu pai, atuou em cargos da Diretoria Geral de Instrução Pública Municipal e a Escola Normal.⁹ Os filhos do casal de professores Hemetério dos Santos e Rufina Vaz optaram por seguir carreiras ligadas ao serviço público e se mantiveram nos setores médios sociais. Não se trata de trazer aqui uma perspectiva salvacionista à questão educacional, já que há outros fatores que contribuem para a mobilidade e ampliação de direitos das populações negras brasileiras. De todo modo, é possível perceber como a soma dos elementos de instrução e redes de apoio são elementos importantes neste processo.

Em sentido semelhante, entre os mais destacados espaços de sociabilidade negra e apoio mútuo da cidade do Rio de Janeiro está a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Fundada no século XVII após a junção das irmandades dos Rosário

⁷ Destacamos: DA SILVA, Adriana Maria Paulo. *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos retos e pardos na Corte*. Brasília: Editora Plano, 2000; FERREIRA, Higor Figueira. Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017. v. 1, p. 214-232.

⁸ As pesquisas de Silva (2015) e Pereira dos Santos (2019) são fundamentais para melhor compreensão sobre a figura do professor Hemetério e os espaços que circulou, e a trajetória de membros de sua família.

⁹ Para maiores informações sobre Coema Santos e mais professoras negras que atuaram em prol da educação no século XX, ver SILVA, Luara dos Santos. *Etymologias, preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER-CEFET/RJ), Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2015; SILVA, Luara dos Santos. Coema Hemetério dos Santos: A "flor de beleza" e "luz de amor". Trajetória de uma intelectual negra no pós-abolição carioca. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. Volume 11, número 2, out./dez. 2019.

e de São Benedito, a agremiação religiosa que ainda hoje mantém sua sede na Igreja que recebe o mesmo nome foi peça chave para a compreensão da história política colonial, imperial e republicana do que veio a se tornar o Brasil. Desde 1779, a Irmandade alforriava alguns de seus membros e devotos, mediante indenização do valor requerido pelo então senhor do escravizado. Já no primeiro capítulo de um dos estatutos, datado de 1831, percebe-se a importância do auxílio entre os membros, posto que seria um dos deveres da Irmandade “vir em socorro dos irmãos escravos”.¹⁰ A Irmandade foi definida pelo sociólogo Costa Pinto como uma “Associação tradicional” por exprimir caráter que o autor enxergava como padrão tradicional das relações raciais no Brasil,¹¹ em uma época em que os sujeitos negros se inseriram em movimentos associativos quase que exclusivamente pertencentes ao campo religioso. Segundo o autor, a Irmandade inicialmente era composta apenas por indivíduos escravizados e com o passar do tempo a composição do espaço passa a incluir pessoas de outras etnias. Entre os séculos XVIII e XIX a congregação religiosa serviu de sede da Catedral e do Senado da Câmara.¹² Para além dos já mencionados elementos que confirmavam a notoriedade do local, a agremiação também se organizou para o funcionamento de um projeto educacional que seguiu o intuito de “promover gratuitamente a instrução primária, moral e religiosa dos filhos de seus irmãos pobres, e também de seus irmãos adultos, por meio de um curso noturno”.¹³ A escola já havia sido pensada desde pelo menos 1839, mas o escopo se desenvolve no ano de 1887, demonstrando as aspirações de compor um espaço para instrução primária e, talvez, secundária. Entre as disciplinas ofertadas estavam Gramática Portuguesa, Taboada, História, Geografia, Pátria e Doutrina, apresentando algumas diferenças entre o turno integral e noturno. Aqui vemos mais uma confirmação da perspectiva dos movimentos sociais negros em relação à instrução antes mesmo da assinatura da Lei Áurea em maio de 1888. Fosse por meio de iniciativas organizadas em conjunto ou de forma individual, o ativismo de homens e mulheres de cor não deixavam de enxergar a educação como aliada nesses processos.

O último exemplo - mas não menos importante - a ser mencionado nesta seção foi um professor que, à primeira vista, agiu de forma individual, mas ao ampliarmos nosso horizonte de perspectiva para alguns episódios de sua trajetória, vemos que as suas redes tecidas durante os anos foram fundamentais para a concretização de seus planos. Foi na zona portuária do Rio de Janeiro que José Cláudio do Nascimento apareceu nos jornais como o patrício que educava os filhos dos portuários com carências escolares.¹⁴ A partir do ano de 1939 ele participou de diversas reportagens que em veículos de grande circulação que expunham seus feitos aos

¹⁰ Capítulo 1 do Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, datado de 1831.

¹¹ COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 219.

¹² Inclusive as mediações da Igreja do Rosário e São Benedito foram o cenário do famoso “Dia do Fico” em 9 de janeiro de 1822. É interessante refletirmos sobre as dimensões do apagamento deste espaço tão relevante para a formação do que veio a ser um Estado Nação como o Brasil.

¹³ Cópia do Regulamento da Escola do Rosário e São Benedito. 25 de junho de 1941. Pág. 1.

¹⁴ Jornal A Noite. 23/09/1940.

leitores. Foram ao menos cinco escolas construídas e duas delas receberam o nome de Escola José do Patrocínio e Instituto 13 de Maio. José Cláudio também auxiliou com ao menos uma atividade organizada pelo Teatro Experimental do Negro, o Conferência Nacional do Negro de 1949, demonstrando assim que suas ações eram atravessadas pelo debate racial. Os números de alunos atendidos pelo professor podem ser observados em notícia anterior veiculada pelo jornal *A Manhã*¹⁵ de que somando as cinco escolas havia um total de 230 alunos beneficiados.¹⁶ A figura deste patricio nos leva ao debate que a militância negra a favor da educação não se restringia aos “setores médios” das populações de cor. A questão das classes sociais às quais estes indivíduos de cor pertenciam precisam, inclusive, de uma reflexão mais aguçada acerca dos significados de classe média para uma população que nem ao menos goza plenamente de sua cidadania.

Vê-se como necessário uma compreensão mais aprofundada sobre as estratégias para cancelar a inserção destes sujeitos em diversas frentes e como estes construíram sua legitimidade. Neste sentido, os territórios mencionados acima também serviram de cenário para debates que desembocaram na construção de outra vertente do movimento associativo afrodescendente: os clubes sociais negros.

“Classe média negra metafórica” e seu perfil comportamental

Para além da valorização do letramento por parte desse associativismo negro, por onde circulavam esses indivíduos que aqui mobilizamos? O que o cotidiano das ruas tem a nos mostrar? Não nos enganemos ao achar que a militância que pensa e concretiza a elevação social do negro brasileiro já nasce em sua versão final para ser executado. O ativismo por vezes se inicia nas conversas cotidianas dos bares, agremiações voltadas para o lazer e socialização negra, clubes dançantes e espaços religiosos como a já mencionada Irmandade do Rosário e São Benedito.

A historiografia já traz alguns indícios de que as experiências organizativas não se iniciaram em um período anterior ao do pós-abolição no Brasil. Este movimento se organizou das mais diversas formas objetivando a inserção social. Essas associações não funcionavam com um viés exclusivamente reativo em relação à discriminação racial sofrida por eles, entretanto há a necessidade de pontuarmos cada vez mais a perspectiva afirmativa no quesito identitário ao observarmos suas ações. O primeiro exemplo a ser mencionado aqui é a do professor Israel Soares e a Caixa Libertadora José do Patrocínio.

¹⁵ Jornal *A Manhã*. 08/09/1947.

¹⁶ A Escola da Irmandade do Rosário e São Benedito, e a figura de José Cláudio do Nascimento foram mobilizados em minha dissertação de mestrado por meio de uma análise comparativa entre os projetos educacionais. Ver: RAMOS DA COSTA, Stephane. *Patrícios negros: experiências de educação popular no Rio de Janeiro (1939-1956)*. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Israel Soares foi um homem que, ainda na posição de escravizado, atuou em algumas frentes do associativismo negro. Na década de 1870 ele organizou uma sociedade de dança intitulada Bela Amante e no ano de 1880 o mesmo fundou a Caixa Libertadora José do Patrocínio. Esta última entidade contava com ao menos 50 sócios e tinha como primeiro objetivo o de instruir e alforriar “o maior número de sócios de condição servil, de ambos os sexos, que a ele se filiem”, bem como “promover festas, espetáculos, concertos, conferências, etc, etc, em benefício da caixa social”.¹⁷ Percebe-se que suas aspirações não envolviam exclusivamente a ação de libertar indivíduos que ainda se eram cativos, mas também a ampliação das teias de sociabilidade e lazer entre sujeitos de cor. Israel esteve à frente da associação no cargo da presidência e foi um dos reconhecidos nomes da causa abolicionista no Rio de Janeiro. Entre suas ações após a compra de sua carta de alforria, o ativista exerceu o cargo de Juiz da Irmandade do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, já mencionada anteriormente.¹⁸

No caso de um associativismo negro que seguisse o viés recreativo, o Gafieira Elite foi um dos territórios de lazer na região central da cidade. Sendo uma espécie de clube dançante localizado na Praça da República, e que tem sua origem na década de 1930,¹⁹ o local foi fundado pelo português Julião Simões e inicialmente foi intitulado de “Elite Club”. Não sabemos ao certo em que momento a presença negra se instalou de forma expressiva - ou até mesmo se isso já ocorria desde os primeiros momentos -, o que podemos afirmar é a importante demarcação de presença por parte de homens e mulheres de cor em um espaço tão central da vida carioca. Um documento que comprova essa afirmação é a terceira edição do Jornal Quilombo,²⁰ chegando a estampar a capa do impresso e descrita como uma sociedade dançante que aceitava o acesso de pessoas pertencente às classes menos abastadas para que estas possuíssem a mesma oportunidade que os frequentadores das gafieiras dos “granfinos” da zona sul carioca. O espaço também foi mobilizado até mesmo romancistas que escreveram sobre um Rio de Janeiro negro da década de 1950.²¹

¹⁷ Jornal Gazeta da Tarde, 11/05/1882, p. 3.

¹⁸ Para mais informações acerca da figura do projeto Israel Soares e a Caixa Libertadora José do Patrocínio, indico o artigo de Alexandra Lima da Silva que apresenta de forma mais ampla a figura deste importante personagem como também outras ações incitadas pelas redes abolicionistas do Rio de Janeiro. DA SILVA, Alexandra Lima. Pela liberdade e contra o preconceito de cor: A trajetória de Israel Soares. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*. Vol. 21 - N. 1 - Jul/2017.

¹⁹ O espaço está aberto até hoje (ano 2021) e é frequentado majoritariamente pela juventude universitária amante da MPB. Destacamos aqui algumas das personalidades que já passaram por lá: Os sambistas Nelson Sargento, Jamelão e Alcione e os presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Getúlio Vargas.

²⁰ O Jornal Quilombo foi organizado pelo Teatro Experimental do Negro no ano de XXXX e foi um dos responsáveis por publicizar alguns dos grandes acontecimentos da intelectualidade, do cotidiano e ativismo negro até julho de 1950, última edição do impresso.

²¹ LOPES, Nei. *Rio Negro*, 50. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 145.

Imagem 1 – Recorte da capa de jornal Quilombo que recebeu a matéria sobre o Elite Club



Fonte: Jornal Quilombo, Teatro Experimental do Negro, Rio de Janeiro, ano I, n.3, jun/1949.

Como exposto na imagem acima, o local contava com a frequência assídua de pessoas negras que buscavam se divertir. Nas primeiras palavras já podemos perceber que os próprios jornalistas têm o intuito de valorizar e expor os padrões comportamentais. O “pessoal da gafieira” é definido como um grupo que se diverte e que não é um local de violência exacerbada - mesmo que estes não sejam “anjinhos”. Em outro trecho a reportagem descreve um dos visitantes que estava presente naquela noite.

Um negro retinto, alto, que abarcava o salão com sorriso vitorioso de que está dizendo “está pra mim”. Paletó compridão, calça fofa no joelho e estreita na boca, não faltava nem a comprida corrente de prata, caindo displicentemente do lado,

sob o paletó, para completar uma autêntica reprodução daqueles negros do Harlem que o filme "Tempestade de Ritmos" vulgarizou em todo mundo.²²

A vestuário e os modos são importantes no sentido de compreender os ideais identitário dessa parcela da população negra e que de certa forma buscava se afastar das representações do que era ser negro no imaginário dos setores dominantes. Também não é improvável imaginar que estes homens e mulheres de cor também participavam das ações promovidas por uma agremiação que seria inaugurada em aproximadamente dois anos depois da reportagem do Quilombo, o Renascença Clube.

Em 17 de fevereiro de 1951, algumas famílias se reúnem para concretizar um desejo que não nasceu da noite para o dia. A criação de um clube voltado para a socialização e lazer daqueles que possuíam capital financeiro, mas acesso negado para sua participação em clubes da classe média carioca. Inicialmente a agremiação estava localizada no bairro do Méier, na zona norte do Rio de Janeiro, e contou com 29 sócios fundadores, sendo 18 mulheres e 11 homens. Este dado por si só já desmistifica a ideia de que a militância negra é construída em sua imensa maioria por figuras masculinas. Por mais que muitos dos nomes que normalmente são representados como liderança dos movimentos são de homens, é mais do que necessário ampliar nosso horizonte investigativo se queremos construir uma narrativa histórica que pense o protagonismo e agência de sujeitos pretos e pardos de forma mais representativa. A primeira diretoria foi constituída por quatro pessoas - dois homens e duas mulheres, e as primeiras atividades ofertadas foram ações como a hora literária, manhã dançante, saraus, chá aos domingos e declamação de poesias.²³ Percebe-se uma tentativa de instruir os associados de acordo com um padrão identitário que se afastava das representações do negro pobre, inculto, morador de favela. Mesmo que com o passar das gerações o perfil dos membros tenha se modificado de alguma forma, até hoje este clube social negro é composto por "indivíduos organizados familiarmente".²⁴ É importante destacar que muitos dos associados também participavam ativamente das ações promovidas pela Irmandade do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, o que demonstra a circulação espacial entre os sujeitos aqui mobilizados.²⁵ O Renascença fez tanto sucesso que em pouco tempo a sede precisou ser transferida para expandir a capacidade de frequentadores, localizando então no bairro do Andaraí.²⁶

²² Jornal Quilombo, Teatro Experimental do Negro, Rio de Janeiro, ano I, n.3, jun/1949. p. 8.

²³ Para mais informações acerca da fundação e algumas dinâmicas do Renascença Clube, ver GIACOMINI, Sônia Maria. *A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006

²⁴ GIACOMINI, Sônia Maria. *Ibidem*, p. 56.

²⁵ Neste sentido as pesquisas de Magalhães Pinto nos trazem muitas contribuições importantes sobre as redes tecidas entre intelectuais negros do século XIX e os espaços que os mesmos circulavam. Estes indivíduos não agiam de forma isolada e o mapeamento das 'andanças' homens e mulheres nos trazem essa confirmação. Ver: MAGALHÃES PINTO, Ana Flávia. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018.

²⁶ O clube passou por diversas mudanças e hoje ele é notadamente reconhecido como pelas rodas de samba como o "Samba do trabalhador" que acontecia semanalmente antes do período pandêmico da COVID-19.

Dentre as famílias fundadoras do clube social está a família dos Arruda. O pai que inicialmente era feirante, conseguiu ascender economicamente e investiu de forma maciça na instrução de seus cinco filhos. Assim como no caso da família do professor Hemetério, a família conseguiu concretizar as aspirações profissionais de seus filhos que se tornaram advogados, professores e profissionais na área da saúde. No depoimento de Sebastiana Arruda²⁷ é possível até mesmo perceber que ela e sua família se enxergavam como certa elite local.²⁸ A história de uma associação tão importante para a população negra quanto o Renascença e seus associados merece um artigo à parte - assim como todos os locais aqui mencionados. Todavia, nosso interesse aqui é o de iniciar um mapeamento de alguns desses espaços e refletir acerca de suas dinâmicas.

Para além de um período fortemente marcado pela mudança de população escravizada para a um número crescente de mulheres e homens "livres", foi entre os séculos XIX e XX que alguns dos condicionantes para estas demandas se transformaram, dentre eles estava o chamado *boom das exportações* e a centralização dos governos por meio dos processos de formação de um Estado nacional brasileiro. Segundo George Reid Andrews,²⁹ houve no século XIX "a chegada na América Latina de novos corpos de pensamento racial revestidos no prestígio e no poder da ciência europeia e norte-americana". Mesmo com intensa proletarização das massas de cor³⁰ e o aumento nas ofertas de emprego no Rio de Janeiro, ainda se faz necessário pontuar a importância dessa estratificação social e racial para a compreensão de como alguns centros urbanos operavam. Em relação ao tema de industrialização e urbanização, recorremos novamente à Andrews:

Em uma época em que o comércio de exportação estava vinculado cada vez mais a América Latina, à Europa e aos Estados Unidos, estas correntes internacionais de pensamento e prática racista não podiam deixar de ter influências poderosas na região. O racismo científico foi imediatamente abraçado pelas elites da virada do século, que enfrentavam o desafio de como transformar suas nações 'atrasadas' e subdesenvolvidas em repúblicas modernas e 'civilizadas'. Essa transformação, concluíram elas, teria de ser mais do que apenas política ou econômica; teria de ser racial. Para ser civilizada, a América Latina teria de se tornar branca.³¹

²⁷ Sebastiana foi uma reconhecida advogada que atuou em prol da população negra carioca e do Renascença Clube. Seu depoimento foi coletado por Haroldo Costa em seu livro "Fala, crioulo" de 1982.

²⁸ Sebastiana: "A casa onde nós morávamos era muito conhecida, muita gente nas vizinhanças nos chamava "os negros da rua Costa Pereira, 13". Mas nós nunca fomos vaidosos, apesar de ricos". COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

²⁹ ANDREWS, George. *América Afro-Latina (1800-2000)*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

³⁰ Mobilizamos Pinto, que nos fala sobre a ocupação dessas populações de cor como consequência do "desenvolvimento da economia industrial e das instituições liberais, [que] após 1888 e 1891, foi a urbanização acompanhada de intensa proletarização, e a identificação de sua condição e de suas aspirações com a condição e as aspirações das classes trabalhadoras, que constituem a esmagadora maioria da população urbana deste País." . COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro... Op. cit.*, p. 219.

³¹ ANDREWS, George. *América Afro-Latina... Op. cit.*, p.152.

O trecho consegue explicitar um projeto que foi efetivo em boa medida, cuja ascendência racial operava fortemente para a manutenção do status quo social. De todo modo, ainda é possível visualizarmos algumas brechas deste sistema por meio de sujeitos e sujeitas - por diversos motivos - inseridos em ambiente com forte influência política e econômica nacional. Trata-se de indivíduos que não necessariamente detinham capital financeiro, mas se faziam presentes de maneira mais ou menos evidente nos projetos de intelectualidade e nação.

Vê-se que por mais plurais os movimentos sociais negros se apresentavam, entre seus padrões percebemos uma tentativa de interlocução com a sociedade de forma geral para que esta complexificasse os significados de ser negro em um país como o Brasil. Por mais similaridades existentes nos ativistas e organizações mobilizadas no presente artigo, cada uma se portava de forma a evidenciar suas subjetivações. Para além da instrução e lazer, eram territórios de formação identitária e política. Estes indivíduos eram em sua maioria trabalhadores negros que se distinguiam muito mais por seus valores e costumes do que um viés financeiro propriamente dito. Para isso recorremos à historiadora Kim Butler que mobiliza o termo "classe média negra metafórica". A autora mobiliza essa ideia para dialogar com a realidade negra paulistana, mas também se aproxima muito das dinâmicas cariocas, sendo este grupo caracterizado por suas aspirações e valores de mobilidade social, e não por sua renda. O caráter simbólico desses elementos é fundamental para a compreensão deste perfil. Percebe-se aqui uma disputa de narrativas para a representação do negro no século XX, não se tratando de uma "classe econômica exclusivista, mas de um novo sentido da brasilidade negra definido pela dignidade da cidadania, contrapondo-se à degradação da escravização".³²

Ao cunhar a ideia de sistema simbólico, Bourdieu evoca dois elementos de agência social como responsáveis por fortalecer um tipo de "capital cultural": a família e a escola.³³ Este capital requer um investimento de tempo até que se torne efetivo. É fácil perceber os motivos que tornam a utilização dos escritos de Bourdieu como ferramenta teórica deste trabalho, visto que estes dois elementos são verdadeiras chaves de entendimento das dinâmicas de ativismo negro pertencentes a setores médios.

A noção de *habitus* é descrita com o propósito fundamental de um conceito que escapa "tanto do objetivismo da ação entendida como uma reação mecânica 'sem agente' e o subjetivismo que retrata a ação como busca deliberada de uma intenção consciente".³⁴ Trata-se de um conceito que não pode ser observado diretamente, deve ser apreendido interpretativamente. O *habitus* se relaciona com o estilo de vida, locais sociais e até mesmo conflitos entre classes, sendo formada pela posição social dos indivíduos envolvidos.

³² BUTLER, Kim. A nova negritude no Brasil: Movimentos pós-abolição no contexto da diáspora africana. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 144.

³³ WEININGER, Elliot, B. Foundations of Pierre Bourdieu's class analysis In: WRIGHT, Erik Olin. *Approaches to class analysis*, Cambridge: Cambridge University Press. 2005, p. 87.

³⁴ *Ibidem*, p. 90.

Em sentido semelhante, o senso de distinção é operado pelas classes dominantes em busca de um estilo de vida unitário e sensibilidade estética para elementos como artes, linguagem e cultura geral. O chamado "*taste of necessity*" é a combinação de aspirações de estilo de vida burguês e o capital cultural insuficiente para alcançá-lo e é percebido no que Bourdieu chama de "pequena burguesia"³⁵ e tem na busca por elementos de luxo e a prática de um ascetismo cultural que se volta para elementos culturais que exijam maior intelectualidade que não reflita necessariamente em "produtos" mais caros. A temática desta pesquisa também versa sobre valores e aspirações que aproximem os sujeitos estudados de uma certa burguesia e se afastam de uma imagem de negro/negra visto como incivilizado, cultural e economicamente pobre, amplamente difundida na sociedade brasileira do pós-abolição.

Imagem 2 – José Antonio Alves (à esquerda) na década de 1920, em seus primeiros anos no Brasil



Fonte: Arquivo privado da família Alves. Rio de Janeiro. s.d.

³⁵ WEININGER, Elliot, B. *Op. cit.*, p.94.

Foi nesse contexto que homens como José Antonio Alves se apropriou de alguns desses elementos durante sua vida pelo menos enquanto residiu na zona norte do Rio de Janeiro desde as primeiras décadas do século passado. Este homem negro de tez escura foi um cabo-verdiano nascido no ano de 1894, e que já na fase adulta se mudou para o Rio de Janeiro “ganhar a vida” comprou seu lote de terra. Todos os dias se encaminhava para seu local de trabalho de terno e gravata bem alinhados. Seus quatro filhos e sua mulher Dolores Alves também haviam sido educados para seguirem seu exemplo comportamental. Para a surpresa de alguns, aquele homem trabalhava como pedreiro - também chamado de estucador.³⁶ José é um exemplo de indivíduo que compartilhava os preceitos de “respeitabilidade” e busca por distinção que se apresentava menos por sua situação financeira do que por sua vestimenta e comportamento.

A figura deste cabo-verdiano radicado no Brasil também seguia determinados padrões do perfil de homens e mulheres com ideais de construção de uma identidade social do negro brasileiro. Até o momento não se sabe se José estava inserido de forma organizada no ativismo negro, de toda forma, é perceptível que o mesmo compartilhava de elementos comportamentais referentes à respeitabilidade e vestimenta. Reiteramos que seguindo graus de consciência desses significados identitários, as populações negras agiam de acordo com suas particularidades. São múltiplos fatores que compõem a construção de identidade, alguns influenciam mais outros menos. Para Munanga:

Poder-se-á dizer, em última instância, que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta.³⁷

Os sentidos de identidade negra são complexos e atravessados por elementos que os caracterizam. De todo modo, seus projetos possuíam um caráter transnacional no sentido de construção “identitária social”, isso porque esses costumes, valores e aspirações também eram experimentados em outros países da diáspora, tal como Estados Unidos.³⁸

Considerações parciais

³⁶ Certidão de óbito de José Antonio Alves. Oitava Circunscrição, quarta zona, Freguesia do Engenho Velho, da Cidade do Rio de Janeiro. 20/09/1979.

³⁷ MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 13.

³⁸ Para mais informações acerca do diálogo transnacional do associativismo negro, ver: BUTLER, Kim. *A nova negritude no Brasil... Op. cit*; GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2014; e TAYLOR, Elizabeth Dowling. *The Original Black Elite: Daniel Murray and the story of a forgotten era*. New York: HarperCollins Publishers, 2018.

Do período escravista ao pós-emancipação, as populações de cor organizavam no sentido de manter suas redes de sociabilidade por meio da afirmação e resistência. A partir do breve mapeamento dos perfis e ações de indivíduos pretos e pardos torna-se necessário complexificar e humanizar o debate acerca do associativismo negros e seus protagonistas, mas ainda sim é possível traçarmos alguns padrões comportamentais entre os atores envolvidos.

Os caminhos para a ampliação da pesquisa estão sendo trilhados a partir de fontes diversas como jornais, fotos, entrevistas e referências bibliográficas que trazem um embasamento consistente em relação aos projetos de letramento. Estes foram apenas alguns dos projetos de instrução construídos na cidade do Rio de Janeiro. Pesquisas como Silva,³⁹ FERREIRA⁴⁰ e Silva⁴¹ e outros já demonstram como essas ações eram menos raras do que imaginávamos há alguns anos. Para além do referencial bibliográfico, precisamos escutar mais as ruas que são impulsionadas por histórias de resistência e afirmação. Esperamos que após esse período pandêmico nós continuemos a aprender com estes espaços.

As ideologias coletivas ou até mesmo individuais aqui percustradas eram traduzidas em ações políticas para novas noções de negritude diaspórica. Essas notas de pesquisa são reflexões iniciais, visto que em nosso horizonte de trabalho ainda há espaços a serem mobilizados, como o próprio caso de uma agremiação localizada em uma região não tão central da cidade como o Grêmio Recreativo Cacique de Ramos e a ampliação ao debate acerca do protagonismo de mulheres negras de forma mais enfática. Ainda há um enorme silêncio em relação às contribuições de mulheres negras na luta antirracista e por cidadania é imprescindível para os movimentos sociais negros. Outrossim, felizmente a pesquisa tem muito a avançar no debate referente ao perfil econômico dos personagens mobilizados. Essa “classe média negra metafórica” pode nos auxiliar a compreender um pouco mais sobre a história social brasileira. Enquanto traçamos os caminhos da pesquisa, experimentamos as dores e as delícias dos sujeitos que encontramos e conhecemos cada vez mais.

³⁹ SILVA, Alexandra Lima da. Pela liberdade e contra o preconceito de cor: a trajetória de Israel Soares. *REVISTA ELETRÔNICA DOCUMENTO/MONUMENTO*, v. 21, p. 1-17, 2017.

⁴⁰ FERREIRA, Higor Figueira. Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017. v. 1, p. 214-232.

⁴¹ DA SILVA, Adriana Maria Paulo. *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos pretos e pardos na Corte*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2000

Referências

Bibliografia

ANDREWS, George. *América Afro-Latina (1800-2000)*. São Carlos: EdUFSCar, 2014

BUTLER, Kim. A nova negritude no Brasil: Movimentos pós-abolição no contexto da diáspora africana. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (org.). *Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COSTA, Haroldo. *Fala, crioulo*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

COSTA PINTO, Luiz Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998

DA SILVA, Adriana Maria Paulo. *Aprender com perfeição e sem coação: uma escola para meninos retos e pardos na Corte*. Brasília: Editora Plano, 2000.

DA SILVA, Alexandra Lima. Pela liberdade e contra o preconceito de cor: A trajetória de Israel Soares. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*. Vol. 21 - N. 1 - Jul/2017

D'ÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Associativismo negro. In: GOMES, Flávio; SCHWACRZ, Lilia. *Dicionário da escravidão e da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. *Políticas de Raça: Experiências e legados da abolição e pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014.

FERREIRA, Higor Figueira. Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017. v. 1, p. 214-232.

FONSECA, Marcus Vinicius. *População negra e educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GIACOMINI, Sônia Maria. *A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2014.

GOMES, Flávio; DA CUNHA, Olívia. Introdução - Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: *Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana*: Editora Filhos de África, 2018.

MAGALHÃES PINTO, Ana Flávia. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Abdias (Org.). *O Negro Revoltado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de: adultos*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

PEREIRA DOS SANTOS, Aderaldo. *Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

RAMOS DA COSTA, Stephane. *Patrícios negros: experiências de educação popular no Rio de Janeiro (1939-1956)*. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020

ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (org.). *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005

SILVA, Luara dos Santos. *Etymologias, preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER-CEFET/RJ), Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2015.

SILVA, Luara dos Santos. Coema Hemetério dos Santos: A “flor de beleza” e “luz de amor”. Trajetória de uma intelectual negra no pós-abolição carioca. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. Volume 11, número 2, out./dez. 2019.

SILVA, Selma Maria da. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos: Práxis de Africanidade*. Rio de Janeiro: Sempre Negro, 2008.

TAYLOR, Elizabeth Dowling. *The Original Black Elite: Daniel Murray and the story of a forgotten era*. New Your: HarperCollins Publishers, 2018.

THOMPSON, Edward. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.